

O sexo das minhocas

PAULO RABELLO DE CASTRO

Folha de S.Paulo, Opinião Econômica, 12.5.04

Na pet shop o comprador frustrado reclama com o gerente: "Levei esses dois canários da sua loja, mas não consegui descobrir até agora qual é o macho e qual é a fêmea". O gerente responde tranqüilo e com firmeza: "Seus problemas acabaram. Você compra um saquinho de minhocas e põe para os canários comerem. O macho vai comer as minhocas fêmeas, e a canária fêmea só come as minhocas machos". Passado aquele segundo de assimilação, o comprador ainda tem dúvida: "Sim, compreendi. Mas aí como é que posso saber o sexo das minhocas?". O gerente raqueteia: "Agora, você perguntou demais. Meu negócio é canário, não minhocas!".

A piada, uma das preferidas de um sábio homem que conheci, capaz de fazer do humor sua forma de interpretação do nonsense das situações, torna-se a maneira mais fiel de abordar a convicção dos economistas oficiais sobre as duvidosas virtudes da atual mistura monetária-fiscal do Brasil. Ninguém coloca em dúvida que a fórmula de um superávit fiscal primário equivalente a 4,25% do PIB, conjugado a um corte de liquidez, promovido por juros reais superiores a 10% ao ano, trará o IPCA para a meta prévia e cuidadosamente estabelecida. Não se sabe, porém, por quanto tempo.

Espera-se, com a convicção de um gerente de pet shop, que a estabilização boa traga o crescimento bom. Sabe-se, por exemplo, que menos inflação é melhor que mais inflação. Portanto menos inflação trará, com certeza, mais crescimento. Até ao presidente foi vendido o conceito. Uma desinflação espetacular trará, sem susto, um espetáculo de crescimento.

Que desinflação, entretanto, é a que traz crescimento? Essa pergunta já é impertinência de comprador de canário.

De fato, os economistas sabem que há desinflações boas e que algumas outras são más. Essas últimas não trazem o crescimento; pelo contrário, o devoram.

Em 1998, por exemplo, para não ir muito longe, último ano do primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, a inflação recuou, mas o PIB não avançou. Desinflação ruim devora crescimento bom. Em compensação, no ano seguinte houve inflação, mas o país recuperou crescimento. Isso não poderia jamais nos levar a acreditar que mais inflação é o que "causa" crescimento. Não! Mas daria, pelo menos, para fazer os economistas oficiais desconfiarem de que nem toda desinflação é, em si, prenúncio de crescimento bom.

De fato, o bom crescimento -isto é, aquele que não acontece por desequilíbrio crescente das contas públicas ou por déficit exagerado na conta corrente externa do país- é como o sexo das minhocas. Difícil de identificar, mesmo examinando o bicho com toda atenção. Por isso, no Brasil dos últimos anos, os economistas oficiais tomaram uma medida de total senso comum. Não se fala mais em crescimento. Assim ninguém precisa perder tempo tentando saber qual o gênero do crescimento, se bom ou mau. Não se programa mais o crescimento. Compromisso

com meta de crescimento nem pensar. Preferível concentrar toda a atenção no sexo da inflação, ou melhor, no gênero da desinflação.

Mas esbarramos em outra questão: Qual a desinflação boa e qual a ruim? Para simplificar, ficou também oficialmente decidido que toda desinflação é fêmea porque é a que prefere o crescimento macho. Ou seja, toda desinflação é boa, e estamos conversados!

Mas algum insistente comprador de canários poderá ainda ficar matutando sobre o sexo dos seus passarinhos. O que será, afinal, que faz a desinflação ficar boa, matando o crescimento mau e trazendo o crescimento bom? A resposta, com certeza, estará na mistura que lhe é servida. Uma boa mistura monetária-fiscal deve ser adequada para deflagrar a desinflação virtuosa. Mas qual? Que tal 4,25% do PIB de esforço fiscal e 10% de juro real? Parece justo, mas não seria, por acaso, dieta permanente?

Aí depende. Sim, depende sempre de detalhes que um dono de canário não costuma enxergar. Mas que faz toda a diferença. Saber, primeiro, qual o resultado fiscal final -aquele da linha de baixo-, porque, se for um déficit, e ainda por cima elevado, como no Brasil, dificilmente a desinflação má haverá de se tornar boa. O outro detalhe, difícil de apalpar (está por dentro das penugens do canário), é a tal "produtividade" do gasto do governo. Há gasto fiscal que se reproduz mais do que outros. Se a distribuição do gasto público é orientada para "assistência", em vez de "produção", a mistura, apesar de mais saborosa, fica mais fraca, propiciando menor desenvolvimento futuro. É que, no Brasil, a mistura fiscal está cada vez mais assistencialista no gasto e antiprodução no sistema tributário que a financia. É a fórmula ideal da esterilização do crescimento.

Por fim, o desgastado e confundido freguês desta coluna haverá de me perguntar se há algo mais, ainda escondido, que precisasse saber na tentativa de reconhecer a tal desinflação boa que traz o crescimento bom e duradouro. Perguntarei, então, se não estamos nos esquecendo de alguma coisa. Claro, ora essa! Da mais básica e essencial, entre todas as necessidades.

Enquanto conversávamos, quase os canários morrem de sede! Canários precisam de água. Macho ou fêmea, canário consome liquidez. Tal como a economia precisa de meio circulante para sobreviver e crescer. Mas essas gaiolas modernas, tipo FMI, não se vendem mais com recipiente de água, que precisa ser comprado à parte, como acessório de automóvel. Sugestão final: que tal dar água aos canários e deixar o sexo das minhocas para depois?